

O MITO DE ULISSES EM *MENSAGEM*, DE FERNANDO PESSOA

THE MYTH OF ULYSSES IN *MESSAGE*, BY FERNANDO PESSOA

Zilda de Oliveira Freitas¹

professorazildafreitas@yahoo.com.br

Resumo: Procurarei refletir sobre as reminiscências do mito de Ulisses no processo de individuação do sujeito modernista. Para isso, apresentarei um estudo comparativo entre o Ulisses homérico e a figura mítica que é apresentada por Fernando Pessoa em *Mensagem*. Para além de ser um livro que reconstrói de forma mítica e poética a história de Portugal, *Mensagem* é um texto emblemático, que permite refletir acerca da concepção pessoana sobre a sociedade portuguesa, desde a formação do povo lusitano até a era modernista. Importa questionar: qual é a *Mensagem* de Fernando Pessoa ao povo português? Ao propor algumas possíveis respostas, enfatizarei o que explicitaram os investigadores Mircea Eliade, Claude Lévi-Strauss e Joseph Campbell. Ressaltarei que o conteúdo mítico da *Odisseia* – sob a ótica pessoana – traduzir-se-á por uma *proto-história* da subjetividade humana e como prefiguração da trajetória do indivíduo, num constante fluxo simbólico e literário, da *Odisseia* à *Mensagem*.

Palavras-chave: Mito. Ulisses. Fernando Pessoa. Modernismo.

Abstract: I will try to reflect on the reminiscences of the Ulysses myth in the process of individuation of the modernist subject. For this, I will present a comparative study of the Homeric Odysseus and the mythical figure presented to us by Fernando Pessoa's *Message*. Besides being a book that reconstructs mythical and poetic way the history of Portugal, *Message* is an emblematic text that allows us to reflect on the Pessoa's conception of the Portuguese society, since the formation of the Portuguese people to the modernist era. Mind the question: what is the message of Fernando Pessoa to the Portuguese people? By proposing some possible answers, I will emphasize what made explicit researchers Mircea Eliade, Levi-Strauss and Joseph Campbell. I will highlight the mythical content of the Odyssey - in the Pessoa's optics - will be translated by a *proto-history* of human subjectivity and how the individual trajectory of foreshadowing, a constant symbolic and literary stream, the *Odyssey* to the *Message*.

Keywords: Myth; Ulysses. Fernando Pessoa. Modernism.

A pátria fugira da terra para a região aérea da poesia e dos mitos.

(MARTINS, 1882, p. 69)

Nas palavras de Fernando Pessoa, “Só duas nações – a Grécia passada e Portugal futuro – receberam dos deuses a concessão de serem não só elas mas também todas as outras.

¹ Professora de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Doutora em Estudos Portugueses, Educação e Filosofia. Membro da União Brasileira de Escritores e da Academia Jequiense de Letras.

Chamo a atenção para o facto, mais importante que geográfico, de que Lisboa e Atenas estão quase na mesma latitude” (PESSOA, 2000, p. 197). A influência do helenismo é perceptível em diversos momentos da produção literária pessoana. Aqui selecionamos *Ulysses*², poema integrante da primeira parte de *Mensagem*. Parece-nos merecedor de especial atenção o texto de Roman Jakobson sobre o poema pessoano referido, que ressalta a presença mítica do rei de Ítaca em Lisboa: “O herói da estrofe central, Ulisses, – cujo desembarque lendário na embocadura do Tejo se deve apenas a um vínculo paronomástico entre seu nome e Lisboa, e cuja existência tem, ela mesma, um caráter mítico” (JAKOBSON, 1970, p. 100-101). Importa-nos destacar que a mítica passagem do herói grego³ por terras lusitanas é, ao mesmo tempo, rememoração do passado e comemoração do devir português. Em Ulisses está concentrada a reminiscência do mito referido na fundação da pátria e, concomitantemente, a expectativa sebastianista pelo vindouro Quinto Império português, pois, conforme assegura António Apolinário Lourenço nas palavras seguintes:

Como se depreende da resposta de Pessoa ao Inquérito “Portugal, Vasto Império”, o mito era a “mentira” admitida como verdade, que as sociedades necessitavam para elevar a sua moral. Tal como Ulisses era o fundador mítico de Lisboa, D. Sebastião era o mítico fundador do Quinto Império, cultural e espiritual. “Que mal haverá em nos prepararmos para este domínio cultural, ainda que não venhamos a tê-lo? [...] Se falharmos, sempre conseguimos alguma coisa – aperfeiçoar a língua. Na pior das hipóteses, sempre ficamos escrevendo melhor.” (LOURENÇO, 2009, p. 243).

Ao apresentar-nos Ulisses como o “fundador mítico de Lisboa” e D. Sebastião como “o mítico fundador do Quinto Império”, Fernando Pessoa eleva imaginariamente o seu país ao status de império cultural – como fora a Grécia – e império espiritual – como tem sido a Cristandade. O patriotismo assume matizes messiânicos na literatura pessoana, com nuances de cunho fundamentalmente míticas – e não exclusivamente políticas. Declara Fernando Pessoa: “Sou, de facto, um nacionalista mystico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradicção com isso, muitas outras coisas” (PESSOA, 1998, p. 251). Na figura mítica do ardiloso herói grego, Fernando Pessoa encontra elementos que alimentarão sua obsessiva busca histórica a respeito da emergência da nacionalidade portuguesa. Sob a ótica de Mircea Eliade, o mito é um exemplo a ser seguido, como se lê no excerto seguinte:

² Utilizaremos a grafia *Ulysses* para registrar o título do poema pessoano e Ulisses para o nome do herói grego, a fim de distingui-los.

³ A este nível, atente-se à possibilidade de “ir assim reatar o fio da tradição grega perdida”, mencionada por Dionísio Vila Maior n’*As lições de Fernando Pessoa* (VILA MAIOR, 2012, p. 273).

O mito garante ao homem que o que ele se prepara para fazer já foi feito, e ajuda-o a eliminar as dúvidas que poderia conceber quanto ao resultado do seu empreendimento. Por que hesitar ante uma expedição marítima, quando o Herói mítico já a efetuou num tempo fabuloso? Basta seguir o exemplo (ELIADE, 2007, p. 125).

Assim sendo, Ulisses, vitorioso em sua tentativa de reconstruir Ítaca quando da guerra retornou, seria um modelo do que poderia acontecer no aguardado regresso de D. Sebastião. Assegura o mitólogo citado que “o símbolo, o mito e o rito exprimem, em planos diferentes e com meios que lhes são próprios, um complexo sistema de afirmações coerentes sobre a realidade última das coisas, sistema que podemos considerar como uma metafísica” (ELIADE, 1992, p. 17). É, portanto, metafísico o retorno sebastianista, mas real seria o ressurgimento de Portugal como nação dominante – e não mais dominada e submissa às exigências do Ultimatum inglês e suas consequências perceptíveis no início do século XX, época em que viveu Fernando Pessoa.

Não por acaso, escreve Mircea Eliade que

[...] a memória dos acontecimentos históricos e das personagens autênticas modifica-se ao fim de dois ou três séculos, a fim de poder participar no modelo da mentalidade arcaica, que não pode aceitar o individual e só conserva o exemplar (ELIADE, 1992, p. 59).

Como se pode verificar, este fragmento colabora para o entendimento do mito de Ulisses⁴ não apenas como a saga de um homem, mas como representação coletiva do desejo nacional grego, latino e português – é o *exemplar*, o modelo: “Basta seguir o exemplo” (ELIADE, 2007, p. 125). O mito é o exemplo a ser seguido por todos porque, como assevera Mircea Eliade,

O mito é que falava a verdade: a verdadeira história já pouco mais era do que mentira. O mito tornava-se mais verdadeiro na medida em que conferia à história um sentido mais profundo e mais rico: ele revelava um destino trágico (ELIADE, 1992, p. 60-61).

O “destino trágico” de Ulisses é, afastando-se da família, vencer a guerra; terminada a guerra, enfrentar os perigos do mar; encerrada a viagem marítima, vencer os pretendentes de Penélope; vencidos os adversários, realizar o ritual de ofertas aos deuses para pacificá-los. E depois disso? Seu destino trágico de *homo ambulus* é permanecer em busca de

⁴ Mircea Eliade afirma que “A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais lata, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos ‘começos’” (ELIADE, 2007, p. 11).

(auto)conhecimento, no seu mito pessoal do eterno retorno à condição de forasteiro e conquistador.

Por sua vez, Joseph Campbell compreende o mito como expressão inconsciente do desejo humano de superar seus conflitos anteriores. Sobre o tema, escreve o mitólogo:

Os ousados e verdadeiramente marcantes escritos da psicanálise são indispensáveis ao estudioso da mitologia. Isso ocorre porque, como quer que encaremos as interpretações detalhadas, e por vezes contraditórias, de casos e problemas específicos, Freud, Jung e seus seguidores demonstraram irrefutavelmente que a lógica, os heróis e os feitos do mito mantiveram-se vivos até a época moderna (CAMPBELL, 1997, p. 6).

De acordo com as proposições de Joseph Campbell, o indivíduo Ulisses faria uma viagem mítico-simbólica no interior de sua própria natureza psicológica, à procura de si mesmo, de equilíbrio, de conhecimento. Ao se referir ao mito de Ulisses, Joseph Campbell ressaltou diversas vezes que a narrativa sobre o herói grego é resultante de um complexo enredo coletivo, que objetiva a superação dos terrores irrealis e atrações ambivalentes, como mencionados anteriormente (CAMPBELL, 1997, p. 88). A psicanálise procura equacionar e promover a superação dos medos e conflitos. Justamente por isso, defende Joseph Campbell o estudo e a interpretação dos mitos recorrentes durante as consultas psicanalíticas.

Poder-se-ia acreditar que – se a presença de Ulisses em Lisboa não fora física – certamente o imaginário civilizacional e a estrutura mítica grega lá estiveram presentes. Se o indivíduo não esteve em Lisboa, no momento da fundação da capital do povo lusitano, o Ideal grego e os elementos representativos do mito de Ulisses estiveram presentes a registrar e Fernando Pessoa a rememorar a presença imaterial de Ulisses em Lisboa. Sob a ótica campbelleana, “O que o mito faz para você é apontar o transcendente” (CAMPBELL, 2008, p. 19). Assim, a caracterização do mito é transcendental, pois ultrapassa os aspectos da vida cotidiana para alcançá-los ao nível simbólico⁵.

Acrescenta o mitólogo norte-americano que “O começo de um mundo mítico ou de uma tradição mítica é um arrebatamento – algo que arranca o indivíduo de si mesmo, leva-o além de si, além dos padrões racionais”. (CAMPBELL, 2008, p. 115). O investigador define assim o sentimento coletivo que eterniza o mito na memória popular de uma nação: “O

⁵ Afirma o mitólogo que “A mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável. Quando um juiz adentra o recinto do tribunal e todos se levantam, você não está se levantando para o indivíduo, mas para a toga que ele veste e para o papel que ele vai desempenhar.” (CAMPBELL, 2008, p. 12).

despertarem do assombro, do entusiasmo, é o início e, curiosamente, é o que faz as pessoas se unirem” (CAMPBELL, 2008, p. 115). Os lusitanos primitivos e contemporâneos se uniram em torno de uma ancestralidade grega transcendental, quando lembraram seus heróis míticos.

Interessa-nos aqui unicamente vincular as ideias de Joseph Campbell ao entendimento do mito fundacional de Lisboa. Repete Joseph Campbell a passagem a seguir em dois de seus livros mais famosos: “Onde quer que exista uma imagem mítica, ela foi legitimada por décadas, séculos ou milênios de experiência nessa trajetória e constitui um modelo. Não é fácil construir uma vida própria sem dispor de um modelo” (CAMPBELL, 1994, p. 18; 2008, p. 18). Dos excertos supracitados, retenhamos o fato de que entendem o mito como elemento cultural resistente à passagem do tempo. Ao permanecer na memória coletiva, torna-se um *modelo* – palavra empregada pelos dois mitólogos até aqui referidos. Em consequência do que foi acima exposto, cremos poder afirmar que Ulisses é um *modelo*, na concepção em que Mircea Eliade e Joseph Campbell utilizam o vocábulo.

Ao iniciar nossos estudos sobre os mitos nas culturas primitivas europeias, americanas e africanas⁶, percebemos que o surgimento de uma nação possuía frequentemente uma explicação mítica, com a presença da figura histórica de um herói fundador – como ocorre com Ulisses na formação da pátria lusitana. A fantasia de um guerreiro peregrino parece ser um mitema recorrente e, como afirma Claude Lévi-Strauss, no excerto seguinte:

As histórias de carácter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda a parte. Uma criação “fantasiosa” da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única – não se esperaria encontrar a mesma criação num lugar completamente diferente. O meu problema era tentar descobrir se havia algum tipo de ordem por detrás desta desordem aparente – e era tudo. (LEVI-STRAUSS, 1987, p. 20).

A teoria estruturalista de Claude Lévi-Strauss auxilia na conceituação do mito como narrativa coletiva, atemporal e não cientificista, retentora de elementos invariantes dos quais o mais relevante é – no caso ulisseano – o *modelo* de superação⁷. Citamos a seguir as palavras do antropólogo francês sobre a conservação dos mitemas, elementos mínimos que nos fazem reconhecer a reescritura do mito como filiada à versão anterior, mais antiga:

⁶ Os mencionados estudos antecederam a elaboração de nossa Tese de Doutorado em Estudos Portugueses, intitulada “Mito e identidade nacional na poética de Fernando Pessoa: o ideal platônico d’A República e o projeto imperial pessoano”, apresentada à Universidade Aberta de Portugal, sob a orientação do Prof. Dr. Dionísio Vila Maior.

⁷ Relembramos fragmentos citados anteriormente sobre o “modelo”, na concepção de Mircea Eliade e Joseph Campbell: “Basta seguir o exemplo” (ELIADE, 2007, p. 125) e “Não é fácil construir uma vida própria sem dispor de um modelo”. (CAMPBELL, 1994, p. 18; 2008, p. 18).

Estas transformações, que se operam de uma variante à outra de um mesmo mito, de um mito a outro mito, de uma sociedade a uma outra sociedade com referência aos mesmos mitos, ou a mitos diferentes, afetam ora a armadura, ora o código, ora a mensagem do mito, mas sem que este deixe de existir como tal; elas respeitam assim uma espécie de princípio de conservação da matéria mítica, em função da qual qualquer mito sempre poderá sair de um outro mito (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 261).

Portanto, acreditamos que o mito de Ulisses, com algumas variações, perpassou gerações, sendo constante memória do herói navegante conquistador de novas terras – igualmente importante para a leitura que estamos a realizar – reconquistador e restaurador de seu próprio país. Ressaltamos que o conteúdo da *Odisseia* é compreendido por Horkheimer e Adorno (1986, p. 53) como uma *proto-história* da subjetividade (*Urgeschichte Subjektivität*) e como prefiguração de toda a dialética do Iluminismo. Como se vê, a travessia ulisseana é um mito representativo da jornada que cada indivíduo (e a humanidade como um todo) precisa realizar para perfazer a passagem da natureza primitiva à cultura acumulada e transmitida através das gerações, jornada do aspecto instintivo e individualista à convivência em sociedade, da repressão ao autodesenvolvimento.

A partir das ideias que Horkheimer e Adorno registram na obra *Dialética do esclarecimento*, pode afirmar-se que, no início do caminho de volta a Ítaca⁸, Ulisses é ainda um sujeito em construção, incipiente e imaturo. Embora já conhecesse aspectos civilizatórios como a divisão de trabalho – pois era o rei responsável por liderar um povo opulento, um navegador comandante de muitos marinheiros e naus –, o herói ainda estava a completar-se. Não possuía consciência de si mesmo e identidade una.

Desde logo, é possível compreender a viagem como o percurso no qual a subjetividade se organizará enquanto unívoca. O pensamento mítico e primitivo de Ulisses irá se ampliar e esclarecer no perigoso caminho do autoconhecimento que o sujeito precisa percorrer e conquistar gradativamente. Compreende-se que a jornada para o aprimoramento do sujeito é individual e interior, uma vez que a viagem transformadora [de rei de Ítaca a herói civilizador] deve ser perpetrada por cada indivíduo em busca de si mesmo – mundo interior – e da compreensão de sua sociedade – mundo exterior. Na figura mítica de Ulisses percebiam os gregos o retrato do herói ideal, apesar de falho em alguns aspectos: ardiloso, mas impulsivo; resistente às provocações dos deuses, mas ocasionalmente insubmisso. Ainda assim, um herói com comportamento próximo à preferência grega. Realce-se, portanto, que *Odisseia* será, ao lado da *Iliada*, o poema nacional grego, constantemente recitado nos palácios dos reis que

⁸ Cf. o percurso do herói nos comentários do pesquisador Junito Brandão (BRANDÃO, 2000).

conquistaram Troia e nas festas públicas, memória (en)cantada e presença frequente em todas as *polis* gregas e povos que com elas comercializavam ou foram pelos gregos conquistados.

Nos séculos seguintes, as epopeias homéricas seriam incluídas nas bibliotecas das famílias abastadas, além de universidades e escolas de todo o mundo ocidental. Os versos de Homero colaboraram para a expansão do helenismo e a crescente admiração pelos ideais civilizatórios gregos.

Ulisses constitui aquilo que alguns críticos contemporâneos definiriam como um “discurso” da civilização ocidental; para os historiadores, um ‘imaginário’ ‘de longa duração’ - em outros termos, um arquétipo mítico que se desenvolve na história e na literatura como um constante *logos* cultural. Parafraseando Bernard Andrae, Ulisses representa a ‘arqueologia’ da imagem *européia* do homem. (BOITANI, 2005, p. XIV).

Do texto supracitado depreendemos o que anteriormente afirmamos: Ulisses é exemplo civilizacional e modelo de superação. Em outras palavras, Ulisses é a representação literária do herói mítico, presente no imaginário coletivo das civilizações ocidentais, desde Homero⁹ até a contemporaneidade. Portanto, a inclusão do mito ulisseano na *Mensagem* pode ser entendida como uma influência helenista no texto pessoano, mas, sobretudo, como uma exaltação do herói grego como figura histórica e mítica, presente na formação da nação portuguesa. Recordamos as palavras que sobre a epopeia moderna pessoana escreveu Cleonice Berardinelli, das quais citamos a seguir um fragmento:

Incluída, pois, na obra pessoana como um livro sui generis, *Mensagem*, a mais portuguesa das obras de Pessoa, é válida por seu alto nível poético, por sua primorosa estrutura e pela captação total da alma portuguesa, heroica e mítica, saudosista e messiânica. (BERARDINELLI, 2004, p. 132).

Na procura incessante por representar poeticamente a alma portuguesa, em suas nuances culturais multifacetadas, em *Mensagem*, Fernando Pessoa reflete sobre a pátria “heroica e mítica, saudosista e messiânica” – para empregar as palavras da autora supramencionada. Por sua vez, assegura-nos Jacinto do Prado Coelho:

No fim de contas, a *Mensagem*, onde os elementos épicos surgem filtrados, transfigurados, pela contemplação lírica, não se situara muito longe do ‘clima’ d’O *Marinheiro*, ‘drama estático’, onde a Segunda Veladora nos fala do marinheiro que se perdeu numa ilha remota: ‘Como ele não tinha meios de voltar à pátria, e cada vez que se lembrava dela sofria, pôs-se a sonhar uma pátria que nunca tivesse tido’.

⁹ Assim é descrito o herói na epopeia homérica que narra sua jornada: “Mas nunca com os olhos eu vi nada que se comparasse/ Com o amável coração do sofredor Ulisses. /Que feitos praticou e aguentou aquele homem forte [...] Nós os dois estávamos desejosos de nos levantarmos/ e de sairmos; ou então de responder lá de dentro. /Mas Ulisses impediu-nos e reteve-nos, à nossa revelia [...] E assim salvou todos os Aqueus.” (HOMERO, 2006, p. 264-268).

Revivendo a fé no Quinto Império, Pessoa inventou uma razão de ser, um destino, fugindo à angústia dum quotidiano absurdo, genialmente expresso por ele e Álvaro de Campos. (COELHO, 1983, p. 106-107).

Parece-nos, portanto, que estamos diante da recorrente imagem mítica do herói marinheiro, frequente em diversos textos pessoanos, sempre como um arquétipo de evasão da realidade, variante do mito ou clima, conforme mencionado por Jacinto do Prado Coelho¹⁰. Entretanto, os elementos épicos – e acrescentaríamos, míticos – sofrem a intervenção da concepção modernista do poeta. Os personagens dos navegantes não são homéricos, mas sim pessoanos. Quer isso dizer que são modernistas e seguem a estética órfica lusitana e não o padrão cultural grego clássico – apesar da já mencionada influência helênica no texto pessoano.

Recordamos as palavras de Adolfo Casais Monteiro sobre o texto pessoano: “Toda a obra de F. Pessoa é uma busca da realidade para lá das suas formas passageiras da aparência” (MONTEIRO, 2006, p. 13). Assim, sob o ponto de vista do autor de *Mensagem*, Lisboa é a *Ulisseia* – mítica terra encontrada pelo herói grego, quando procurava a distante Ítaca. O poeta seiscentista Gabriel Pereira de Castro descreve em sua obra a mítica fundação de Lisboa pelo rei navegador, em pleno período barroco. Fernando Pessoa escreve *Ulisses* durante a vigência do modernismo. Enlaça-as um elemento comum: a influência de Camões.

Assim sendo, acreditamos que o ortônimo apropria-se do mito ulisseano – homérico, camoniano, castreano – e dele extrai os elementos relevantes para a estruturação de sua *Mensagem* ao povo lusitano. Em suma, a transcrição que o autor de *Mensagem* realiza do mito de Ulisses não é literal, não corresponde exatamente a todas as variantes do mito. Estão ausentes no poema pessoano os episódios de Circe, Calipso, Polifemo e até mesmo Penélope. Fernando Pessoa adapta livremente o mito ulisseano, ao resgatar da narrativa mítica os elementos invariantes, a saber: a viagem iniciática pelo mar desconhecido, o encontro com outros povos, a imaterialidade e incertezas sobre as paragens do herói grego, que alimenta¹¹ a mítica fundação de Lisboa. Leia-se, a seguir, o poema pessoano:

¹⁰ A respeito da invenção de uma razão ou destino para fingir e fugir do quotidiano absurdo, mencionado no fragmento do texto de Jacinto Prado Coelho, escreve Fernando Pessoa: “Sendo assim, não evoluo: VIAJO (por um lapso na tecla das maiúsculas, saiu-me, sem que eu quisesse, essa palavra em letra grande. Está certo, e assim deixo ficar). Vou mudando de personalidade, vou (aqui é que pode haver evolução) enriquecendo-me na capacidade de criar personalidades novas, novos tipos de fingir que compreendo o mundo, ou, antes, de fingir que se pode compreendê-lo” (PESSOA, 2006, p. 22).

¹¹ Cf. a afirmação de Eduardo Lourenço: “É da realidade que o mito se alimenta, é no mito que a realidade se torna significante”. (LOURENÇO, 2000, p. 21).

ULISSES

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre
(PESSOA, 2008, p. 83).

Tomamos como ponto de partida o comentário que do poema supramencionado tece António Apolinário Lourenço. Sobre o primeiro verso, escreve o estudioso:

Com recurso ao oxímoro, fica aqui perfeitamente insinuada a natureza utópica do grande sonho veiculado pelo poeta neste livro: o Quinto Império. Como referimos na ‘Introdução’, ele próprio afirma no inquérito promovido por Augusto da Costa e recolhido no seu livro *Portugal, Vasto Império* que o principal meio para levantar moralmente uma nação é a exploração insistente de um grande mito nacional (LOURENÇO, 2008, p. 82).

Por essas palavras podemos compreender igualmente que o mito – além de se iniciar do nada – refere-se ainda ao nada. Toda narrativa mítica – tal qual a ardilosa construção do cavalo de Troia¹² relatada por Homero –, enfim, todo mito é portador de uma *lacuna interna*. “Pelo mito, o desejo preenche esse hiato e faz, do nada, tudo” (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 117). O *nada* será preenchido simbolicamente pelos desejos do povo e de seu representante, o poeta, que recria e reconta o mito¹³, adaptando-o às suas necessidades e à sua época, como fizeram Homero e Fernando Pessoa.

A estrofe seguinte possui igualmente grande interesse para o entendimento da aludida concepção mítica no texto de Fernando Pessoa. Se anteriormente identificamos no poema uma devoção familiar aos conceitos e dogmas helênicos e cristãos no que se refere à divindade, a segunda estrofe apresenta-nos o herói navegador Ulisses que, durante sua itinerância e

¹² Ao analisar *Mensagem*, Agostinho da Silva ressalta que “a missão de Portugal não poderá ser outra senão a de resgatar o que a Europa fez e de salvar a seus próprios olhos.” (SILVA, 1958, p. 18).

¹³ Cf. Agostinho da Silva: “Portugal porá, como seu alicerce, o que de mais fundamental a Europa poderá ter dado ao mundo: com Ulisses, a ideia de que o mito é mais importante do que a realidade, de que o poder vir a ser é o substracto do que é, de que as coisas morrem à medida que são” (SILVA, 1958, p. 19).

aventuras na viagem de retorno à Ítaca, teria miticamente fundado a cidade de Lisboa. Iniciar a segunda estrofe do poema com *Este* é anunciar e, simultaneamente, ocultar o mito a respeito do qual escreve. Deve o leitor terminar a leitura da estrofe e ter conhecimento prévio da mítica presença de Ulisses na costa lusitana para associar *Este* ao herói grego. Deve ainda o leitor ter acesso aos elementos míticos que denotam as reminiscências da narrativa mítica que afirma ser Ulisses o fundador da cidade.

Enfim, Fernando Pessoa escreve sobre o herói grego para aqueles que saberiam entender seus versos e – como ele – desejassem restaurar a memória da fundação da capital portuguesa. Acreditamos que seja esta a mensagem de *Mensagem*, ou seja, a sua proposta de restauração nacional, a partir do resgate e revalorização das tradições, valores, costumes, mitos e crenças do imaginário pátrio. Recuperamos aqui o excerto anteriormente referido, no qual Antônio Apolinário Lourenço cita Fernando Pessoa: “ele próprio afirma que [...] o principal meio para levantar moralmente uma nação é a exploração insistente de um grande mito nacional” (LOURENÇO, 2008, p. 82). Portanto, associando a memória mítica do herói grego que retorna à sua pátria com o desejado regresso de D. Sebastião, Fernando Pessoa enfatiza a importância da reconstrução nacional, no caso dos dois mitos.

Realce-se o fato de ambos serem reis que frequentaram – e frequentam – o imaginário coletivo de seus povos e igualmente de outros povos: Ulisses em Portugal, D. Sebastião nas visões do sebastianista Antônio Conselheiro, líder da revolta popular em Canudos, que criou um reino mítico para D. Sebastião em terras brasileiras. São mitos messiânicos – ulisseano e sebastianista – transformados em profecias pela necessidade popular de acreditar em um *salvador* que reinstaurará uma era de glórias. “Esta multiplicidade de formas, o mesmo é dizer, de linguagem, permite que a profecia tenha vários graus de significação, em que o que a um nível é ‘verdade’ a outro é ‘erro’” (SEABRA, 1988, p. 83). É verdade para o povo que aguarda a volta do seu rei – tanto Ulisses era aguardado pelo povo de Ítaca, quando D. Sebastião pelos lusitanos; é erro, para os cépticos. Assim sendo, os graus de significação são distintos como são distintas as relações que os indivíduos mantêm com as profecias e narrativas míticas.

Nesse contexto, justifica-se refletir sobre as palavras de José Clécio Basílio Quesado a respeito da produção literária pessoana e a inserção nela destes elementos míticos e oníricos:

Sonho, mito ou loucura são, pois, elaborações discursivas do inconsciente que o poeta toma como formas de promover a ausência da realidade, procurando trabalhar não sobre o dado concreto mas sobre a formulação imaginária que se produz como descontinuidade do real. Daí a retomada do passado da infância como fuga do

presente, ou a busca do nada como negação da própria existência, ou, enfim, qualquer coisa que não a vida (QUESADO, 1976, p. 80).

Reis guerreiros – andarilhos como Ulisses e D. Sebastião –, vagando por terras desconhecidas à procura de suas identidades e do caminho de volta para seu povo. Figuras históricas e míticas, evocadas pelo poeta modernista como proposta estética e política de reflexão e reformulação da realidade pátria. *Mensagem* é – acreditamos – a tentativa pessoana de resgate do passado irreal para a construção do devir lusitano em que o real seja glorioso – e não apenas recordação – do passado notável. Assim sintetiza Georges Güntert:

Pessoa encontra na presença histórica de Portugal a sua própria espera na margem e a sua saudade por novos horizontes. Ulisses, portador de um grande pensamento – conta a lenda a seu respeito que foi ele que deu nome a Lisboa – não aportou nunca a estas costas; nunca lhes tocaram os seus navios. Como a liberdade, a grandeza e a fama, a lenda de Ulisses permaneceu um mito que ‘sem existir nos bastou’. Pois foram mitos que embalsamaram o povo português, para o estimularem a dilatar as fronteiras do conhecido e do familiar. (GÜNTERT 1982, p. 205).

Assim sendo, de que modo então se poderá convalidar, e reforçar, a percepção do autor citado no excerto acima sobre a presença – real ou mítica – de Ulisses na costa portuguesa?

Nas palavras constantes no referido verso do poema de Fernando Pessoa: “sem existir nos bastou”. Quer isso dizer que, ainda que não fosse real, é mítico e tornado literário pelos poetas lusitanos referidos – Camões, Gabriel Pereira Castro e Fernando Pessoa. A partir desses pressupostos, acreditamos que podemos nos aproximar da compreensão do motivo que levou Fernando Pessoa a inserir Ulisses ao lado de D. Sebastião em *Mensagem* – um deles é um mítico rei grego, que teria visitado a costa portuguesa; o outro é um rei-menino desaparecido e nunca esquecido. Convém recordar que “O mito é a protoforma da história” (KUJAWSKI, 1979, p. 35), isto é, o mito antecede os fatos históricos e, certamente, pode registrar ou mesmo alterar os registros dos fatos reais, em detrimento da verdade mítica existente na compreensão popular.

A *Mensagem* ao povo português é, a nosso ver, a revitalização do *ser português*, a partir do crescimento do nacionalismo e a reconstrução político-cultural da pátria lusitana¹⁴. Ainda que não seja um mito nacional, Ulisses é utilizado no poema pessoano como ideal, exemplo e modelo do homem português. O herói grego é o herói fundador, o pai da nação, o elemento imaginário helenista a formar o inconsciente lusitano como povo conquistador e

¹⁴ Cf. o comentário de Jacinto Prado Coelho: “Pois na *Mensagem* é a redução a um pensamento que descarna, espectraliza as personagens da História nacional”. (COELHO, 1983, p. 108).

criador de cidades em novas terras. No trecho a seguir, o comentário de Eduardo Lourenço sobre o poema em análise:

Mito, vida que não passa na vida que passa - e toda passa -, lenda a escorrer da realidade. Foi para Ulisses, encarnação da primeira viagem iniciática da nossa alma futuramente grega, como ele a sonhava, que o autor de *Mensagem* compôs os versos famosos. (LOURENÇO, 1986, p. 9-10).

Além de D. Sebastião¹⁵, o mito de Ulisses no poema de Fernando Pessoa remete-nos à outra possibilidade de leitura e de aproximação temática. Uma vez que Ulisses foi imortalizado pelo poeta grego Homero, igualmente seria lembrado como fundador de Lisboa, através do poema pessoano. Assim sendo, a origem mítica da capital lusitana estaria indelevelmente relacionada a um dos maiores guerreiros helênicos¹⁶. Acreditam os poetas admiradores de Homero que toda grande obra de literatura ou é a *Iliada* ou é a *Odisseia*. O *Ulysses* pessoano é, desse modo, a *Odisseia* revisitada em reduzidíssimos versos pessoanos.

Claro está que “O assunto da *Mensagem* não são os portugueses ou eventos concretos, mas a essência de Portugal e a sua missão por cumprir” (COELHO, 1983, p. 108, grifo do autor). Desse modo, “O grande feito português, na visão sebastianista e messiânica que preside *Mensagem*, está na iminência de vir” (GARCEZ, 1989, p. 100), de vir-a-ser, o devir português. Explicaria isso o seguinte verso de Fernando Pessoa no poema *O Infante*, que integra a segunda parte de *Mensagem*: “Senhor, falta cumprir-se Portugal”. Por essas palavras e ideias citadas, acreditamos que a *Mensagem* de Fernando Pessoa ao povo português é, de fato, o incentivo à revalorização do passado mítico lusitano, para a construção de um futuro pentaimperial. Retomamos o fragmento citado como epígrafe do presente texto: “A pátria fugira da terra para a região aérea da poesia e dos mitos” (MARTINS, 1882, p. 69). Parece-nos que Fernando Pessoa compreendia Portugal como uma pátria física, inserida nos debates das questões políticas europeias do início do século XX. Compreendia igualmente que seu país possuía uma estrutura imaginária e metafísica, em que dialogava o poético e o mítico. A *Mensagem* pessoana é o registro escrito deste diálogo, transposição da memória coletiva e valores do seu povo.

¹⁵ Leia-se o que Marcel Detienne escreve sobre o herói fundador: “As cidadezinhas, recém-implantadas, vão dar a si mesmas, na geração seguinte, um culto de tipo político: o de seu Fundador, heroizado após sua morte”. (DETIENNE, 2013, p. 47).

¹⁶ Agostinho da Silva (1958, p. 27-28) e Jean-Pierre Vernant (2002, p. 200).

Referências

BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa: outra vez te revejo...** Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

BOITANI, Piero. **A sombra de Ulisses**. Trad. Sara Margelli. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etimológico**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAMPBELL, Joseph. **A Imagem Mítica**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1994.

_____. São Paulo: Ágora, 2008.

_____. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CASTRO, Gabriel Pereira. **Ulisseia ou Lisboa Edificada**. Texto estabelecido e comentado por J.A. Segurado e Campos. v. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

COELHO, Jacinto do Prado. **Camões e Pessoa**. Poetas da utopia. Mem Martins: Europa América, 1983.

DETIENNE, Marcel. **A identidade nacional, um enigma**. Trad. Fernando Schelbe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção História e Historiografia).

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **O mito do eterno retorno - arquétipos e repetição**. Lisboa, Edições 70, 1992.

GARCEZ, Maria Helena Nery. **Trilhas em Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro**. São Paulo: Moraes/EDUSP, 1989.

GÜNTERT, Georges. **Fernando Pessoa, o eu estranho**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. Jaime Bruna. Texto integral. São Paulo: Cultrix, 2006.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

JAKOBSON, Roman. Os oximoros dialéticos de Fernando Pessoa [em colaboração com Luciana Stegagno Picchio] In: JAKOBSON, Roman. **Linguística. Poética. Cinema**. Trad. de Haroldo de Campos et al. São Paulo: Perspectiva, 1970.

KUJAWSKI, Gilberto de Melo (1979). **Fernando Pessoa, o outro**. São Paulo, Centro de Cultura.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Tradução de António Marques Bessa Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac-Naify, 2008.

LOURENÇO, Eduardo. **Fernando, Rei da Nossa Baviera**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986.

_____. As Descobertas como Mito e o Mito das Descobertas, **J.L.**- *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, [S.l.], n. 768, Ano XX, 8 a 21 de Março, 2000.

LOURENÇO, António Apolinário. Introdução. In: PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Edição de António Apolinário Lourenço. 2.ed., corrigida e aumentada. Coimbra: Angelus Novus, 2008.

_____. **Fernando Pessoa**. Lisboa: Edições 70, 2009.

MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira. **História de Portugal**. II Tomo. 3.ed.aumentada. Lisboa: Bertrand, 1882.

MONTEIRO, Adolfo Casais. **Poesia de Fernando Pessoa**. Introdução e Seleção de Adolfo Casais Monteiro. Barcarena: Editorial Presença, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro**. 3.ed. revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESSOA, Fernando. **Crítica**. Ensaaios, artigos e entrevistas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

_____. **Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal**. Edição e posfácio de Richard Zenith com a colaboração de Manuela Pereira da Silva. São Paulo: A Girafa, 2006.

_____. **Mensagem**. Edição de António Apolinário Lourenço. 2.ed. corrigida e aumentada. Coimbra: Angelus Novus, 2008.

QUESADO, José Clécio Basílio. **O constelado Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

SEABRA, José Augusto. **Alocução na cerimônia de Comemoração do Centenário do Nascimento do Poeta Português Fernando Pessoa na UNESCO**. Maia: Centro Unesco do porto/Fundação Eng. António de Almeida/Maiadouro, 1988.

SILVA, Agostinho da. **Um Fernando Pessoa e antologia de releitura**. Lisboa: Bidon Zero, 1958.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre o mito e a política**. São Paulo: EDUSP, 2002.

VILA MAIOR, Dionísio. As lições de Fernando Pessoa. In: PETROV, Petar et al. (Eds.). **Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas**. De Eça de Queirós a Fernando Pessoa. Santiago de Compostela/Faro, Associação Internacional de Lusitanistas/Através Editora, 2012. p. 265-284.